

LANCELOT NA CONTRA-LUZ DO REI DAVID

Rafaela Simões da Silva*

A Bíblia, o livro sagrado por excelência das civilizações mediterrânicas e o fundamento da doutrina cristã, é também o "grande código da literatura", segundo uma expressão consagrada por Northrop Frye¹. A sua autoridade moral e espiritual bastariam para explicar a proliferação de ecos bíblicos na produção literária do Ocidente, mas é necessário assumir que a presença das escrituras é mais profunda quer enquanto narrativa explicativa da história humana, quer ainda como repositório de exemplaridades várias que se escalonam em esferas como as da vida política, jurídica, social e até militar². Para além de ser usada como referência normativa, a narrativa bíblica transmite um reportório alargado de figuras, intrigas e temáticas das quais o imaginário medieval facilmente se apropriou.

O *Lancelot en Prose*, extensa narrativa que se insere no grande ciclo de romances arturianos, escrito em França por volta de 1220, testemunha uma clara exploração das potencialidades bíblicas por parte da literatura medieval. Este romance é considerado, na arquitectura global do ciclo, o seu Antigo

* Estudante de doutoramento da FLUP; Bolseira da FCT; SMELPS/IF/FCT.

¹ Cf. FRYE, Northrop, *The Great Code. The Bible and Literature*, London, Cox&Wyman Ltd, 1981.

² Para uma breve panorâmica sobre a Bíblia na Idade Média, ver SMALLEY, Beryl, *The study of the Bible in the Middle Ages* (3ª ed), Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1978; SANTIAGO-OTERO, Horacio e REINHARDT, Klaus, *Biblioteca bíblica ibérica medieval*, Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1986; CREMASCOLI, Giuseppe e LEONARDI, Claudio (eds.), *La Bibbia nel Medioevo*, Bologna, Dehoniane, 1996; MARTINS, Mário, *A Bíblia na literatura medieval portuguesa*, Lisboa, ICP, 1979; OLMO LETE, Gregorio (ed.), *La Biblia en la literatura española*, Madrid, Editorial Trotta, 2008.

Testamento, a par da *Estoire del Saint Graal*. A *Queste del Saint Graal* e a *Mort Artu* corresponderiam ao Novo Testamento, onde se concretizam os acontecimentos profetizados na *Estoire* e no *Lancelot*³. Esta perspectiva bíblica da estrutura cíclica é um dado essencial para a análise que aqui propomos do *Lancelot en Prose*⁴, onde procuraremos identificar, através do confronto entre este romance e as Escrituras⁵, quais os aspectos bíblicos nele retidos e de que modo foram retratados e evocados. Esperamos poder, assim, averiguar quais as intenções autorais no uso constante da fonte bíblica. Importa, no entanto, referir que esta análise se centrará essencialmente no percurso biográfico de Lancelot à luz da história bíblica do rei David, relatada nos livros de Samuel (I e II) e Reis (I).

A ascendência davídica de Lancelot por via materna tem sido apontada como um dado adquirido pelos críticos, estando explicitamente referida na parte inicial do romance: “descendue de la haute lignie le roi David”⁶. Trata-se, de facto, de uma linhagem de prestígio e dimensão espiritual relevante, e constitui a primeira relação estabelecida entre o romance e as Escrituras. Este dado genealógico é aliás assinalado por Elspeth Kennedy nos termos de uma “referência misteriosa” aos livros veterotestamentários. Segundo a autora do estudo *Lancelot and the Grail*, as referências à ascendência de Lancelot, enquanto precursor do herói do Graal (Galaaz), são muito significativas para a

³ Cf. LOT, Ferdinand, *Etude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1918, pp.204-205. KENNEDY, Elspeth, *Lancelot and the Grail*, Oxford, Clarendon Press, 1986, pp.310-311. MIRANDA, José Carlos, *Galaaz e a ideologia da linhagem*, Porto, Granito Editores e Livreiros, 1998, pp.189-190.

⁴ Excepto no caso em que houver indicação explícita noutro sentido, todas as citações do *Lancelot* que faremos ao longo deste artigo serão extraídas da edição de Alexandre Micha (*Lancelot, Roman en Prose du XIIIème siècle*, MICHA, A. (ed), 9 tomos, Genève, Droz, 1978-1982).

⁵ Os textos citados pertencem a uma tradução portuguesa da Vulgata, versão oficial adoptada pela Igreja Romana ao longo da Idade Média (*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, trad. em português segundo a *Vulgata Latina* pelo P. António Pereira de Figueiredo, Porto, 1883).

⁶ *Lancelot, Roman en Prose du XIIIème siècle*, MICHA, A. (ed.), Genève, Droz, 1980, tomo VII, p.23.

interpretação do romance.⁷ Os três excertos do *Lancelot* citados por Elspeth Kennedy contêm efectivamente indícios de uma clara proximidade bíblica, que vai muito para além da simples referência à linhagem davídica do protagonista. Com efeito, não só se manifesta nestes textos a plena certeza de que Lancelot, através da sua mãe Hélène, descende de David, como ainda se reclama a mesma bênção divina relativamente ao reino que pretende ser o continuador do reino davídico (ou israelita): “del haut lignage que vos establites el Regne Aventureus”⁸. O mesmo seria dizer que o reino era abençoado por intermédio de uma linhagem santa, cujo propósito era o de fazer jus ao nome de Deus na terra, “essaucier vostre non et la hautece de vostre foi”⁹. Esta ideia parece vir ao encontro das últimas palavras proferidas por David que aludem ao “pacto eterno, firme” estabelecido entre Deus e o soberano¹⁰. Note-se que este pacto era um compromisso que envolvia toda a “casa” de David, ou seja, a sua “semente”¹¹. Não é por isso de admirar a alusão feita no romance à predilecção divina pela linhagem de Lancelot, apoiada nas Escrituras: “Nos savons par le tesmoign des Escriptures que ele et si encessor sont descendu del haut lignage au haut roi David”¹². O testemunho bíblico torna, deste modo, a proveniência sagrada da família de Lancelot uma verdade incontestável. cremos, porém, que este dado linhagístico não é o único aspecto a reter da relação entre o

⁷ KENNEDY, *Lancelot and the Grail...*, p.143. Elspeth Kennedy apresenta três excertos do *Lancelot en Prose* onde é explicitamente referida a ascendência bíblica da família de Lancelot (PL 13.39-14.5; PL 49.39-50; PL 108.37-109.2).

⁸ *Lancelot du Lac: the non-cyclic Old French Prose Romance*, KENNEDY, E. (ed.), vol. 1, Oxford, 1980, pp.13-14.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ “Ainda que a minha casa não seja tal para com Deus, contudo, estabeleceu comigo um concerto eterno, que em tudo será bem ordenado e guardado, pois toda a minha salvação e todo o meu prazer está nele...” (II Samuel 23:5).

¹¹ Esta palavra provém do original hebraico zera, também traduzida nas versões bíblicas actuais por “descendência”. Veja-se RAYMOND, Philippe, *Dictionnaire d’hébreu et d’araméen bibliques*, Paris, Cerf, 1991.

¹² KENNEDY, *Lancelot du Lac...* pp.108-109.

Lancelot e o Antigo Testamento, mas sim um ponto de partida para todo um processo de analogias existente entre os dois textos.

Começamos por observar algumas semelhanças nos primeiros passos de Lancelot e de David na actividade guerreira.

Ao receber Lancelot a ordem da cavalaria, todas as virtudes parecem fluir nele -- a pureza, a humildade, a destreza. Ferdinand Lot considera mesmo, no seu estudo dedicado ao *Lancelot en Prose*, que o protagonista corresponde totalmente ao perfil ideal do cavaleiro: “Lancelot est bien le code de l'honneur féodal et chevaleresque”¹³. Este ideal caracteriza também o jovem David, como o traduzem as palavras de um dos servos do rei Saul: “é mui formoso, e homem guerreiro, e sisudo nas palavras, e de gentil presença; e o Senhor é com ele”¹⁴. Colocadas estas qualidades ao serviço da prática guerreira, tanto Lancelot como David despertam a atenção dos seus soberanos. Lancelot conquista a “Dolerouse Garde” e recebe rasgados elogios, sobre o seu valor mas também sobre a sua beleza física: “Che fu (...) Lancelot del Lac, li fiex au roi Ban de Benoyc (...) c'est l des plus beaux chevaliers del monde et le mieux tailliés de tous les members et si c'est un des millors qui ore soit”¹⁵. Da mesma forma, David torna-se o herói de Israel depois de derrotar Golias. A sua incrível vitória contra o gigante de Gate garantia a sobrevivência do reino israelita perante a ameaça constante dos seus inimigos, os filisteus. A curiosidade dos israelitas traduzia-se na pergunta mais frequente a respeito do vencedor do duelo: “ (...) de que geração descende este rapaz?”¹⁶. Quanto a Lancelot, as boas notícias rapidamente circulam pelo reino, onde a proeza guerreira é apreciada por todos: “Tout est espendue la novele que tout le servent et

¹³ LOT, Ferdinand, *Étude...*, p.160.

¹⁴ I Samuel 16:18.

¹⁵ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VII, p.428.

¹⁶ I Samuel 17:55. Esta pergunta relembra a importância concedida ao conhecimento da linhagem de Lancelot: “Che fu, fait il, Lancelot del Lac, li fiex au roi Ban de Benoyc” (MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, tomo VII, p.428).

chevaliers et dames par laiens, et chi fu premierement conneus a cort li noms Lancelot del Lac”¹⁷, “Lors corurent toutes, et dames et damoiseles, as fenestres et as creniax por lui veoir”¹⁸. O mesmo entusiasmo e admiração ressoam entre as mulheres do reino de Israel, “Saíram as mulheres de todas as cidades de Israel ao encontro do rei Saul cantando (...) e dizendo: Saul matou mil, e David dez mil” (I Samuel 18:6-7).

O notável desempenho de Lancelot e de David justifica, de facto, os importantes lugares que ocuparam nos respectivos reinos de Logres e de Israel. Ambos se tornaram homens imprescindíveis para a manutenção dos reinos de Artur e de Saul. Se por um lado, David se destacou contra Golias (o representante dos filisteus) assim como contra outros povos circunvizinhos¹⁹, também o empenho de Lancelot foi indispensável na derradeira batalha de Artur contra os saxões e ainda na libertação de Artur e dos seus companheiros na “Roche des Saxons”²⁰. Tal como observa José Carlos Miranda, a corte de Artur devia o seu prestígio e mesmo a sua sobrevivência à acção de Lancelot²¹, pois mesmo após as batalhas contra Galehot e contra os saxões, “Artur fica a dever a Lancelot a coroa e o reino”²², como iremos ver mais adiante. Graças ao melhor cavaleiro do mundo, a corte de Artur “elevava-se a uma posição de incontestável supremacia”²³. Por isso as palavras de Artur a Lancelot mostram um profundo reconhecimento e gratidão: “Sire, jou met en vostre merci et moi et m’onnour et toute ma terre, car vous m’avés rendu et l’un et l’autre”²⁴. O seu apreço pelo melhor cavaleiro é bem visível aquando da conquista da

¹⁷ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VII, p.428.

¹⁸ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.59.

¹⁹ Cf. II Samuel 8:1-13.

²⁰ Cf. MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, pp.476-478.

²¹ MIRANDA, *Galaaz...*, p.158. KENNEDY, *Lancelot and the Grail...*, p.102.

²² MIRANDA, *Galaaz...*, p.165.

²³ *Ibidem*.

²⁴ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.479.

“Dolourose Garde”, “plus a il fait d’armes en moi recorre que en toutes lez autres proeus, car il a pris I castel tem com chis est qui me faisoit plus mal que tui li castel del monde et jou le doit amer sour tous hommes”²⁵. Na narrativa bíblica, o rei Saul não se mostra menos grato com David, “E tu mostraste hoje o bem que me tens feito (...) o Senhor te pague esta benevolência, pelo que hoje obraste comigo” (I Samuel 24:18-20), “Bendito sejas tu, meu filho David, e certamente serás bem sucedido nas tuas empresas, e o teu poder será grande” (I Samuel 26:25). Este agradecimento é também motivado pelas palavras intercessoras de Jónatas, filho de Saul: “E expos a sua vida ao último perigo, e matou o filisteu, e o Senhor salvou a todo o Israel por um modo maravilhoso. Tu o viste, e te alegraste” (I Samuel 19:5).

Reconhecido o valor do guerreiro e uma vez ganha a confiança do rei, sobrevém a recompensa. O tão desejado cavaleiro entra na mesnada régia e torna-se membro da Távola Redonda. Aliás, esta “promoção” de Lancelot é em grande parte motivada pelo desejo de Artur de ter ao seu lado o valoroso cavaleiro, “jou voeil proier Lancelot de remanoir a moi (...) quar bien sont ses preosces esprovees”²⁶. O mesmo sucede com Saul relativamente a David, solicitando o rei a companhia do jovem guerreiro, “E mandou Saul dizer a Jessé: Fique David junto à minha pessoa, porque me caiu em graça” (I Samuel 16:22). Curiosamente, à luz do texto bíblico, o valente David ganha um lugar considerável ao lado de Saul, tornando-se genro do rei e integrando também ele o grupo de homens que se reunia frequentemente com o soberano. Sabemos pelo relato bíblico que um certo número de homens, indispensáveis ao rei para operações militares, se reunia à sua mesa. Entre eles, David: “E tendo-se assentado segundo o costume na sua cadeira que estava junto à

²⁵ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.486.

²⁶ *Ibidem*.

parede, levantou-se Jónatas, e Abner se assentou ao lado de Saul, e o lugar de David apareceu vazio” (I Samuel 20:25)²⁷.

Todavia, a relação amistosa de Saul e de seu servo David não se manteve por muito tempo, apesar deste último se mostrar necessário para a subsistência do reino. Saul irava-se por ser David mais exaltado do que o próprio rei, quando celebrados no cântico entoado pelas mulheres de Israel: “Então Saul se indignou muito, e aquela palavra pareceu mal aos seus olhos, e disse: Dez milhares deram a David, e a mim somente milhares; na verdade, que lhe falta, senão só o reino?” (I Samuel 18:8). Saul aspirava, efectivamente, a ser o primeiro na estima dos homens. No entanto, quando foi entoado o cântico de louvor aos heróis de Israel, uma firme convicção entrou no espírito do rei de que David ganharia o coração do povo e reinaria, assim, no seu lugar. Aumentando o ódio de Saul contra David, a sua preocupação centrava-se agora em eliminar o seu grande rival. Mas nenhum dos seus planos contra o ungido de Deus foi bem sucedido²⁸.

A menção a este aspecto da história bíblica poderá parecer à primeira vista um excursão nesta análise. No entanto, do nosso ponto de vista parecem-nos mais um tópico evidente no qual se terá inspirado o *Lancelot en Prose*. A verdade é que se atendermos no romance a esta temática da inveja, veremos por conseguinte algumas correspondências com a narrativa bíblica. Segundo a observação de José Carlos Miranda, vemos que já num ponto avançado do romance gera-se uma pequena contenda entre os cavaleiros da Távola Redonda e o próprio Lancelot. Tal como o afirma o referido autor, “há um momento em que a excessiva dependência do rei face ao seu melhor cavaleiro

²⁷ Este pormenor acerca do lugar que ocupava David na mesa do rei, lembra-nos o episódio do “assento perigoso” relatado na *Demanda do Santo Graal*. Todavia o texto não apresenta quaisquer outras possíveis correspondências com a narrativa bíblica, não permitindo por isso chegar mais longe neste aspecto da análise.

²⁸ Esta personagem bíblica vale só por si um trabalho quando comparado com o rei Artur. Dedicaremos brevemente um artigo ao confronto entre estas duas personagens, uma vez que este trabalho se concentra essencialmente na biografia de Lancelot à luz do rei David.

começa a suscitar inevitáveis invejas e rancores²⁹. A dada altura, encontravam-se todos os cavaleiros em torno da Távola Redonda contando as suas aventuras³⁰. Concluem então que, durante esse período, Lancelot havia derrubado, entre outros, sessenta e quatro cavaleiros da Mesa Redonda, conseguindo o prodígio de não se deixar derrubar por nenhum deles³¹. Sempre expectante das maravilhas dos seus cavaleiros, o rei Artur não deixa de elogiar o melhor cavaleiro:

Par foi, fait li róis, or di je donc que il touz seux conquiert plus honor a la Table Ronde que vos tuit ne ferez et que par la defaute de lui seroit ele plus abaissie que par la moitié de vos toz. Si me samble que vos ne devez jamés parler encontre lui, car a cel point vos a bien monstré qu'il puet faire: si en a vostre orgueil abatu a toz jorz mes³².

Porém, esta opinião não fazia a unanimidade da corte, pois “grande parte dos cavaleiros se viam assim diminuídos perante Lancelot³³. As reacções do conjunto da corte mostram também o desconforto gerado em torno de Lancelot: “De cele parole que li róis Artus dist furent si atorné cil de la Table Reonde que il en harent puis touz dis Lancelot de *mortel haine*³⁴. É nesta altura que se inaugura, na acepção de José Carlos Miranda, “uma temática inédita até então: a da oposição dos cavaleiros da corte do rei Artur a Lancelot³⁵. De notar que, mais adiante, os membros da linhagem de Lancelot serão igualmente alvo de ódios e invejas por parte da corte. Ora, sabemos pelo relato bíblico que a família de David corria também o risco de sofrer algumas represálias por parte do rei Saul. Não se encontravam os seus parentes fora de perigo uma vez que,

²⁹ MIRANDA, *Galaaz...*, p.158.

³⁰ As aventuras diziam respeito ao período em que buscavam Lancelot, ainda dado como morto.

³¹ MIRANDA, *Galaaz...*, p.158.

³² MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. IV, p.398.

³³ MIRANDA, *Galaaz...*, p.158.

³⁴ O sublinhado é nosso. MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. IV, p.398-399.

³⁵ MIRANDA, *Galaaz...*, p.159.

a qualquer momento, as desarrazoadas suspeitas do rei poderiam visá-los devido ao seu atrito com David. Com o intuito de proteger a sua família, David refugia-se na caverna de Adulão e posteriormente em Gate.

A temática da inveja constitui, efectivamente, um elo de ligação entre as duas narrativas. Esta temática pauta alguns acontecimentos decisivos no percurso biográfico de David. Entre eles conta-se a alternância de campo por parte de David, uma consequência da perseguição do rei invejoso. É precisamente no campo dos piores adversários de Israel, os filisteus, que David vai procurar protecção. Os filisteus, que temiam David mais do que Saul e os seus exércitos, tinham agora a possibilidade de ganhar alguma vantagem tendo do seu lado o grande guerreiro de Israel. David foi cordialmente recebido pelo rei dos filisteus, Áquis. O calor desta recepção devia-se ao facto de que o rei o admirava e se sentia lisonjeado pela presença deste tão bravo guerreiro. Ali, nos domínios de Áquis, David sentira-se livre do perigo de traições. Colocando-se sob a sua protecção, David patenteara-lhe as fraquezas do povo israelita. Tudo isso satisfazia grandemente Áquis e o convencia de que obtinha grande vantagem sobre o seu rival ao ter David consigo: “E Áquis confiava em David, dizendo: Fez-se ele, por certo, aborrecível para com o seu povo em Israel; pelo que me será por servo para sempre” (I Samuel 27:12). Não tardou que novamente os filisteus se preparassem para enfrentar Israel, contando Áquis com David: “Sabe, decerto, que comigo sairás ao arraial, tu e os teus homens” (I Samuel 28:1). É claro que David não tinha intenções de levantar a mão contra o seu povo, mas não estava seguro do que deveria fazer. Respondeu evasivamente ao rei, tomando Áquis as suas palavras como promessa de auxílio na guerra que se aproximava. Preparando-se os dois exércitos para o combate, encontrava-se David numa situação de grande

perplexidade. A solução sobreveio quando Áquis, a pedido dos príncipes filisteus, dispensou David ainda que lhe custasse o grande aliado³⁶:

“Vive o Senhor, que tu és recto, e a tua entrada e a tua saída comigo, no arraial, é boa aos meus olhos; porque nenhum mal em ti achei, desde o dia em que a mim vieste, até ao dia de hoje; porém, aos olhos dos príncipes, não agradas. Volta, pois, agora, e vai-te em paz: para que te não faças desagradável aos olhos dos príncipes dos filisteus” (I Samuel 29:6-7).

Em suma, todos estes aspectos relativos à inveja e à consequente alternância de campo por parte de David ressoam igualmente no *Lancelot*. Como já vimos anteriormente, a proeza e a fama do guerreiro acabam por despertar, de uma forma ou de outra, a inveja e a contenda. Por outro lado, a disputa para obter o apoio do melhor guerreiro também se patenteia em ambos os textos. É de notar que o envolvimento de David com o rei Áquis, inimigo de Israel, denota uma primeira analogia com a situação vivida por Lancelot enquanto intermediário de Artur e Galehot. Aliás, o episódio das primeiros combates, onde Lancelot (o cavaleiro das armas vermelhas) sai vencedor, deixa antever a disputa do brilhante cavaleiro entre Artur e Galehot. Numa primeira abordagem, cremos que é possível estabelecer uma ligação entre Galehot e a figura do rei Áquis. Tanto a recepção de Lancelot como a de David por parte de Galehot e de Áquis, assim como a sua admiração e respeito pela excelência dos respectivos guerreiros consistem em fortes argumentos para esta analogia. Não iremos pois mais longe nesta correspondência entre personagens, uma vez que outros argumentos nos levarão a propor um homólogo bíblico mais próximo de Galehot.

³⁶ O conselho dos príncipes filisteus foi deveras decisivo, pois não queriam que David combatesse contra o seu povo e, durante o combate, tomasse o lado de Israel podendo infligir maior dano aos filisteus: “Faze voltar este homem, e torne ao seu lugar em que tu o puseste, e não desça conosco à batalha, para que não se nos torne na batalha em adversário: porque com que aplacaria este a seu senhor? porventura não seria com as cabeças destes homens? Não é este aquele David, de quem uns aos outros respondiam nas danças, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém David as suas dezenas de milhares?” (I Samuel 29:4-5).

É por demais evidente o paralelismo estabelecido entre duas personagens fundamentais do *Lancelot en Prose*, Lancelot e Galehot, e as duas personagens bíblicas, David e Jónatas. Vejamos com maior pormenor o que poderá aproximar a dupla arturiana da dupla bíblica.

A amizade que une Galehot a Lancelot é deveras um ponto de partida para compreendermos as cedências e o sacrifício demonstrado pelo “Seigneur des lointaines Iles” face ao desejado cavaleiro, Lancelot. A grandeza de Galehot é muitas vezes sublinhada a par da sua coragem e extrema nobreza³⁷. Tais características realçam o lado dramático das consequências da decisão de Galehot de abandonar a ideia de conquistar o reino de Artur. Lancelot desempenha, efectivamente, um papel fundamental no conflito entre Galehot e Artur, sendo um pacificador entre os dois campos. É acima de tudo o intercessor do rei de Logres, pois graças ao valoroso cavaleiro, o reino mantém-se sob o domínio de Artur. Este prodígio é conseguido por Lancelot devido aos laços de amizade com o senhor de Sorelois, Galehot.

Vale a pena recordar agora todo o processo que envolve esta desistência de Galehot por amor a Lancelot. Vejamos o acordo conseguido por Lancelot: “je vous donrai ce que vous en ferai si seur com vous densenrés de bouche. (...) Ensi ont entr’ax Il establies lor convenences et Galehos li fianche a tenir ses convenences”³⁸. A extraordinária declaração de Galehot mostra a que ponto se sujeita a Lancelot a fim de obter apenas a sua companhia. Esta afirmação revelar-se-á mais espantosa ainda se a compararmos com as palavras de Jónatas a David: “Eu farei por ti tudo o que me disseres”. Interessante será notar que este voto de Jónatas sobrevém no contexto de um pacto de amizade com David, bem antes de subir ao trono de Israel, “Fez Jónatas pois aliança com a casa de David (...) E Jónatas fez jurar a David de

³⁷ A respeito da personagem Galehot, veja-se FRAPPIER, Jean, “Le personnage de Galehot dans le Lancelot en Prose”, *Romance Philology*, vol.XVII, nº3, Fevereiro, 1964, pp.535-554.

³⁸ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.75.

novo” (I Samuel 20:16-17). Como já dissemos anteriormente, David era odiado pelo rei Saul devido à boa fama que obtivera nas suas expedições militares. O jovem David conta inesperadamente com a ajuda do potencial herdeiro do trono de Israel, Jónatas. A amizade que nasce entre Jónatas e David tem o seu ponto alto neste pacto³⁹.

Creemos que o aproveitamento bíblico relativo a esta temática específica da amizade de Lancelot e Galehot tenha seguido exactamente as mesmas etapas da história bíblica de David e Jónatas. Uma vez acertado o compromisso de Galehot com Lancelot, o cavaleiro, como havia prometido, acompanha Galehot a Sorelois. Nesta altura, cumpria-se o ano de tréguas que havia concedido a Artur. Em Sorelois, Lancelot é dignamente recebido na corte de Galehot: “A tel joie fu recheus li chevaliers et honores. (...) Galehos li fist aporter une robe moult bele et moult riche”⁴⁰. As vestes ricas oferecidas por Galehot a Lancelot traduzem bem a sua consideração pelo cavaleiro. Galehot investe plenamente nesta amizade. Uma atitude semelhante tem Jónatas para com David, quando o recebe na corte de Saul: “Por isso se despojou Jónatas da túnica de que estava vestido, e a deu a David com o resto dos seus vestidos” (I Samuel 18:4). O louvável gesto do filho do rei não deixa de ser curioso, pois tal como nos revelam as Escrituras, Saul não aprovava de todo esta amizade e alerta Jónatas para as consequências de uma aliança com David: “Porquanto em todo o tempo que o filho de Jessé viver na terra, nunca estarás seguro nem da vida, nem do reino” (I Samuel 20:31). Ora, o gesto de Jónatas em retirar as suas próprias vestes⁴¹ para as dar a David é já por si um

³⁹ Este pacto consistia na promessa de que David, já estabelecido no trono de Israel, quando tivesse descanso dos seus inimigos mostraria benignidade para com a descendência de Jónatas, e conseqüentemente de Saul (I Samuel 20:12-16). David cumpriu posteriormente a sua palavra quando recebeu dignamente na sua corte Mefisobete, um filho de Jónatas. David chamou o jovem à corte e restitui-lhe as posses particulares de Saul para a manutenção da sua casa. Cf. II Samuel 9.

⁴⁰ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.79.

⁴¹ Jónatas usava certamente vestes reais, uma vez que era príncipe de Israel.

indício simbólico do que viria a fazer pelo amigo. A verdade é que, ao colocar-se do lado de David, Jónatas sabe, tal como o alertara Saul, que põe em causa a pretendida sucessão ao trono de Israel⁴². Ciente das consequências da sua decisão, Jónatas apoia o amigo: “(...) e tu reinarás sobre Israel, e eu serei o segundo depois de ti, e até mesmo Saul meu pai sabe isto” (I Samuel 23:17).

Uma vez mais, a analogia entre a história bíblica e o *Lancelot* parece evidente. Não revemos nós o mesmo perfil de Jónatas na personagem de Galehot, numa mesma atitude de renúncia e numa entrega profunda de amizade que nem a ambição humana consegue abalar? O que torna tal atitude ainda mais surpreendente é o facto de Galehot ter elevado as suas expectativas ao mais alto nível⁴³, tendo-as alimentado com a construção de um castelo onde sonhava ser coroado depois de vencer Artur e de conquistar as suas almeçadas terras⁴⁴. O nome atribuído a esse castelo, a “Orgueilleuse Garde”, não vem senão sublinhar esta mesma ideia:

*un suen chastel qu'il avoit novelement fermé; si seoit en la plus fort place de terre qu'il eust de tot son pooir, e il meisme li avoit mis non l'Orgueilleuse Garde por la bialté et por la force qu'il avoit et s'estoit vantés que illuec metroit il ler oi Artu en prison (...)*⁴⁵.

Apesar de sonhar alto, Galehot não resiste à súplica de Lancelot:

⁴² Do ponto de vista político, Saul enquanto rei de Israel transmitia ao seu filho Jónatas o direito legítimo de suceder ao trono. Sabemos, no entanto, que David, por eleição divina, já havia sido ungido como futuro rei de Israel por Samuel, muito antes destes acontecimentos. O óleo sagrado, que lhe fora derramado sobre a fronte pelo sumo-sacerdote, consistia numa unção profética das suas futuras funções enquanto monarca. Posteriormente, David foi consagrado em Israel mediante uma cerimónia solene (II Samuel 5:3).

⁴³ Lembremos igualmente as suas palavras a Lancelot, partilhando com o cavaleiro os seus sonhos: “baioe je a conquere la seignorie de tot le monde” (MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. I, p.9).

⁴⁴ Veja-se a propósito do episódio da queda da “Orgueilleuse Garde” o artigo seguinte, CORREIA, Isabel, “A queda da Orgulhosa Guarda e a *Mescheance*: Um outro relato do Lancelot en Prose”, in M. R. FERREIRA, A.S. LARANJINHA e J. C. MIRANDA (orgs), *Seminário Medieval 2007-2008*, Porto, Estratégias Criativas, 2009, pp.157-186.

⁴⁵ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. I, p.9.

*Sire, je vous demant que si tost que vous serés au deseure del roi Artu, que devers lui n'avra meis nul recovrir; mais si tost com je vous en semonrai, que vous li ailliés crier merci, et vous metes outreement sous sa manaie*⁴⁶.

O ousado pedido de Lancelot realça mais ainda o nobre carácter de Galehot. Quando prestes a alcançar o seu objectivo, o filho da “Bele Jaiande” rende-se e, humilhando-se perante Artur, cumprindo assim a sua promessa: “si s'ajenouille et joint ses mains et dist: «Sire, je vous vieng faire droit de ce que je vous ai mesfait, si m'en repent et me met en vostre merci del tout outreement»⁴⁷. O senhor de Sorelois só não vence mesmo Artur por vontade de Lancelot e pela proeza deste cavaleiro que tanto o impressiona. Não deixa, no entanto, de se colocar numa posição algo frustrante e humilhante ao entregar-se a Artur precisamente no momento em que levava a melhor. Mas para o senhor de Sorelois a vergonha é menor do que o seu amor por Lancelot, tal é o sacrifício que por ele faz: “Galehot's love for Lancelot entails the sacrifice of his greatest moment of glory (...) yet he is prepared to sacrifice even more for the man whose companionship he longs to have”⁴⁸. Comportando-se Galehot como um verdadeiro “preudome”, o seu orgulho é posto de lado perante Artur, aí residindo a sua real grandeza, “la ou il fist de sa grant honor sa grant honte, quant il estoit au desus le roi Artu et il li ala merci crier”⁴⁹. Não é por acaso que Jean Frappier descreve esta personagem nos termos de uma “âme hautaine et raffinée, d'une générosité magnifique, à plus d'un égard modèle de prudhomie”⁵⁰.

Este é, de facto, o perfil do corajoso conquistador de Sorelois, generoso governador das suas terras, que demonstra uma determinante “finesse

⁴⁶ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.81.

⁴⁷ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.85.

⁴⁸ KENNEDY, *Lancelot and the Grail...*, p.75.

⁴⁹ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, tomo I, p.2.

⁵⁰ FRAPPIER, “Le personnage de Galehaut...”, p. 536.

politique” para com Artur⁵¹. Tais traços de carácter não se desviam do seu homólogo, Jónatas, homem fiel e abnegado na sua amizade com David, mas também corajoso e lutador nos empreendimentos do reino de seu pai Saul⁵². A sua lealdade para com David estava acima dos seus interesses pessoais, apegando-se o príncipe de Israel de tal forma a ele que “a alma de Jónatas se ligou com a alma de David: e Jónatas o amou como a si mesmo (...) porque o amava como à sua própria vida” (I Samuel 18:1 e 20:17). Uma expressão semelhante ocorre no romance relativamente à amizade de Galehot por Lancelot: “[Galehot] avoit mis son cuer en lui outre ce que cuers d’ome poit amer autre home estrange de loial compaignie”⁵³. É neste mesmo sentido que entendemos as palavras de Florence Marsal a propósito deste amor sem barreiras: “Son amour pour Lancelot se retrouve fortement atténué, et traduit par une admiration sans bornes et un intérêt personnel pour le meilleur chevalier du monde”⁵⁴. Galehot teme a morte do amigo, mais do que a sua própria morte, traduzindo-se esse medo em crises profundas de melancolia:

*Mais nule dolor ne s’apareille a ce que Galehout souffre, kar il avoit mis en l’amor Lancelot tot ce que hom i pooit metre, cuer et cors, et tot honor, qui miels valt. Il li avoit si doné son cors qu’il amast miels a veoir sa mort que la Lancelot; il avoit si done son cuer, la ou il ne pooit avoir joie sans lui. Et por lui fist il si grant amor qu’il cria merci le roi Artu, et si l’avoit il torne a desconfiture et aproché d’estre deserités*⁵⁵.

A morte de Lancelot custar-lhe-ia a sua própria vida, pois não suportaria tão grande separação: “ne si m’aït Diex jou ne saroie vivre sans lui, si me tolriés

⁵¹ MARSAL, Florence, “Les morts de Galehaut et de son livre”, *Actes du XXIIème Congrès de la Société Internationale Arthurienne*, Rennes, 2008, pp.1-12 (p.1).

⁵² É de referir, como exemplo de coragem por parte de Jónatas, o papel decisivo que teve numa das batalhas de Israel contra os filisteus. Apenas Jónatas foi reconhecido pelo povo como o justo salvador de Israel e não o rei Saul (I Samuel 14).

⁵³ MICHA, Lancelot, Roman en Prose..., t. I, p.1.

⁵⁴ MARSAL, “Les morts de Galehaut...p.8.

⁵⁵ MICHA, Lancelot, Roman en Prose..., t. I, p.3.

ma vie”⁵⁶, “et g'i ai mise m'amor en tel maniere qu'emprés vostre mort ne me laist je Diex vivre jour”⁵⁷. Apesar da promessa feita de que em troca da rendição a Artur, Lancelot acompanharia Galehot, o senhor de Sorelois teme que a separação seja ainda assim inevitável pelo amor que une os amantes (Lancelot e Genevra), levando Lancelot para mais perto da corte de Artur. Sofre, por isso, antecipadamente esse infortúnio, lembrando a Lancelot que tudo entregou por ele:

*(...) si en sousspire du cuer moult angoissement. Lors dist a Lancelot: «Biaus douls compains (...) Et que ferai jou, qui tout aim is en vous mon cuer et mon cors?» Certes, sires, fait Lancelot, jou vous doi plus amer que tous lez hommes del monde*⁵⁸.

Se nos voltarmos para a história bíblica, deparamo-nos com uma situação muito semelhante àquela que é vivida por Galehot. Ao saber Jónatas da ira que o seu pai nutre por David, angustia-se pelo amigo: “Levantando-se pois Jónatas da mesa todo encolerizado, e não comeu neste dia das calendas; ficou muito sentido por causa de David, porque seu pai o ultrajara a ele mesmo” (I Samuel 20:34). Magoado e indignado, o príncipe de Israel abandona o festim do rei e comparece no local onde havia combinado com David para informá-lo das más intenções de Saul. Jónatas estava abatido e inconsolável pois não conseguira demover o pai do seu mau intento contra David. Os dois amigos caem assim nos braços um do outro e choram amarguradamente: “(...) levantou-se David do lado do sul, e lançou-se sobre o seu rosto em terra, e inclinou-se três vezes; e beijaram-se um ao outro, e choraram juntos, mas David chorou muito mais” (I Samuel 20:41). Não deixa de ser curioso que David demonstre maior tristeza neste encontro, pois sabemos desde o início que

⁵⁶ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.487.

⁵⁷ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. I, p.13.

⁵⁸ MICHA, *Lancelot, Roman en Prose...*, t. VIII, p.483.

Jónatas se entrega muito mais a esta amizade, comprometendo até mesmo a sua vida pelo amigo⁵⁹.

Como já vimos, tanto Lancelot como David mostram reconhecimento e gratidão pelo sacrifício dos seus respectivos amigos, Galehot e Jónatas. Isso reflectir-se-á aliás na forma como cada um reagirá à terrível notícia das suas mortes. David lamenta com grande pranto a perda de Jónatas, “Angustiado estou por ti, meu irmão Jónatas. Quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era o teu amor do que o amor das mulheres.” (II Samuel 1:26). Fazendo jus ao nome de Jónatas e à sua amizade, David sepulta-o num lugar digno, ao contrário do que haviam feito os filisteus quando celebraram a morte de Saul e de seus filhos na vitória sobre Israel⁶⁰. Algo semelhante se passa com Galehot. O companheiro de Lancelot é sepultado num lugar privilegiado, onde será também enterrado Lancelot quando falecer.

É possível assinalar ainda como ponto em comum nas duplas de personagens bíblicas e arturianas a culpabilidade carregada por ambos os protagonistas pela morte dos seus protectores. Lancelot é de certa forma a causa da grande melancolia de Galehot que culmina com a sua morte. Numa tendência quase suicida, Galehot priva-se de alimentos por pensar que Lancelot morrera. Da mesma forma, David é também indirectamente responsável pela morte de Jónatas. Caso não se tivesse refugiado nos domínios do rei filisteu, fomentando-lhe o desejo de atacar novamente Israel, o povo israelita não teria sofrido tão grande dano. Para além disso, David não chegara sequer a ajudar o seu povo, mesmo tendo sido dispensado por Áquis. Isso leva-nos a crer que provavelmente poderia ter evitado a morte do príncipe de Israel.

⁵⁹ Depois de declarar a Jónatas que este não poderia aceder ao trono enquanto David vivesse, Saul com grande furor arremessa contra o seu filho a lança que se destinava a David (I Samuel 20:33).

⁶⁰ Cf. II Samuel 31:8-10.

Não poderíamos, porém, concluir este estudo sem proceder à abordagem de um aspecto essencial da vida de Lancelot que à luz das Escrituras parece reflectir uma vez mais outra etapa da biografia de David. Referimo-nos, mais concretamente, ao lento declínio de Lancelot, já profetizado na *Estoire del Saint Graal*, num sonho de Nascimento⁶¹. A este antepassado de Lancelot fora-lhe revelada a sua preciosa descendência de onde sobreviria o bom cavaleiro e herói do Graal, Galaaz. Nesta revelação, o oitavo membro distingue-se negativamente de todos os outros, assumindo a forma de um cão vagabundo⁶². Esta representação da natureza pecadora de Lancelot denota a conotação negativa atribuída pelas Escrituras⁶³, consistindo num indício de decadência moral e numa áspera censura à sua conduta.

A Lancelot estava, de facto, destinada a alta missão de concluir com sucesso a demanda do Santo Graal, como também o privilégio da sua contemplação. Todavia, o pecado da luxúria afastou-o de tão nobre tarefa. Por conseguinte, é o seu filho Galaaz o cavaleiro divinamente escolhido para cumprir a missão primeiramente destinada ao pai. Neste sentido, é Galaaz que vem redimir a falha de Lancelot, trazendo de volta a legitimidade da cavalaria cristã perdida pelo pai.

A mesma falha marca a história do rei David. Já coroado rei de Israel, David não resiste aos encantos da bela Bate-Seba, esposa de um dos seus

⁶¹ *L'Estoire del Saint Graal*. Ed. from manuscripts in the British Museum by SOMMER, Óscar, Washington, The Carnegie Institute of Washington, 1909, pp.202-203.

⁶² Esta característica negativa de Lancelot é também sublinhada numa visão de Mordrain, onde nove rios saem de Celidoines, seu sobrinho (*Estoire*, pp.106-107). Veja-se igualmente os seguintes comentários sobre esta revelação linhagística em CORREIA, Isabel Sofia Calvário, *A construção da linhagem escolhida no Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire del Saint Graal*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2003, pp.58-63 e SILVA, Rafaela, *Da Bíblia à Estória do Santo Graal – a linguagem divina e os sonhos dos eleitos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação policopiada), 2009, pp.107-109.

⁶³ Na tradição bíblica, o cão simboliza o homem impuro, pecador (Mateus 7:6 e Filipenses 3:2).

bravos e fiéis oficiais, Urias⁶⁴. O esforço de David para esconder o seu crime mostrou-se inútil. Raciocinou então que, se Urias fosse morto pela mão de inimigos na batalha, a culpa da sua morte não poderia ser atribuída ao rei. Bate-Seba estaria livre para ser sua esposa, as suspeitas poderiam ser removidas e a honra real mantida. Sendo o pecado encoberto aos olhos dos homens mas não aos olhos de Deus, o profeta Natã é enviado diante do rei para levar uma mensagem de reprovação⁶⁵. Repare-se que Lancelot recebe o mesmo tipo de advertências divinas sob forma de sonhos, maioritariamente interpretados por eremitas. As consequências directas do pecado de David resultaram na morte prematura da criança nascida de Bate-Seba. A relação que David mantinha era considerada ilícita quando se deu o nascimento desta criança.

Para além deste infortúnio, outra consequência se impõe a longo prazo a David. Algo grandioso havia sido planeado pelo rei e aprovado por Deus – a construção do templo sagrado em Jerusalém⁶⁶. As graves falhas do rei impedem-no, no entanto, de alcançar esse grande objectivo. À semelhança do que acontece com Lancelot, David perde o direito de executar o plano divino, passando este último para as mãos do seu sucessor. Superando todavia qualquer expectativa, é Salomão, filho legítimo do rei e de Bate-Seba, o continuador do projecto da edificação do templo, onde permaneceria a Arca da Aliança. Assim o havia designado Deus para a concretização desta tarefa, tal como declarara a David: “Teu filho Salomão edificará a minha casa e os meus átrios, porque o escolhi para meu filho, e eu serei para ele pai” (I Crónicas 28:6). Mas este não seria o único privilégio de Salomão. Apesar de não se tratar do filho mais velho de David, Salomão foi divinamente escolhido

⁶⁴ Cf. II Samuel 11.

⁶⁵ Cf. II Samuel 12:9-14.

⁶⁶ Cf. I Crónicas 28:2-3.

enquanto sucessor ao trono de Israel e portador da herança divina, a fim de dar seguimento à linhagem santa de onde descenderia o Messias⁶⁷.

Todos estes aspectos que dizem respeito a outra etapa da vida de David constituem mais indícios seguros para a afirmação das relações entre o romance e a narrativa bíblica. À luz do que se passa na história bíblica, Galaaz é também ele o continuador do plano divino na demanda do santo Graal. Com efeito, Galaaz recupera aquilo que Lancelot, ao pecar, havia perdido: a legitimidade da cavalaria cristã. Os requisitos morais exigidos pela experiência do Graal excluem, pois, Lancelot desta sagrada tarefa⁶⁸. Se por um lado o futuro herói do Graal prefigura Cristo, por outro, representa também o filho eleito que vem compensar a falha do pai, aproximando-se neste contexto de Salomão. Repare-se que tanto Galaaz como Salomão são predestinados, divinamente escolhidos antes mesmo de existirem.

A tarefa sagrada empreendida por cada um contém um pormenor subtil que poderá, da mesma forma, ligar estas duas figuras. O objecto sagrado que o bom cavaleiro persegue (o santo Graal) e a Arca da Aliança guardada no templo que Salomão viria a edificar parecem no fundo relacionar-se. Ambos os objectos constituem relíquias sagradas, representando uma mesma realidade – a presença divina. Se nas palavras de José Carlos Miranda, “os segredos do Graal são a comunicação com Deus”⁶⁹, é também sobre a Arca da Aliança, guardada no lugar Santíssimo do templo, que Deus comunicava com o seu povo⁷⁰. Há portanto um objecto e um objectivo comum no empreendimento sagrado de Galaaz e de Salomão – uma maior comunhão com Deus⁷¹.

⁶⁷ Assim o havia declarado Deus a David: “suscitarei depois de ti a teu filho, que procederá do teu ventre, e firmarei o seu reino. Ele edificará uma casa em meu nome: e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino.” (II Samuel 7:12-13).

⁶⁸ MIRANDA, *Galaaz...*, p.156.

⁶⁹ MIRANDA, *Galaaz...*, p.185.

⁷⁰ Cf. Levítico 16:2.

⁷¹ Cf. MATARASSO, Pauline- *The redemption of chevalry*, Genève, Librairie Droz, 1979.

Ainda no âmbito das correspondências narrativas existentes nesta parte específica referente ao declínio de David e de Lancelot, devemos registar alguns dados importantes. Tanto o acto pecaminoso de David, como também o de Lancelot, acarretam sérias consequências políticas para o reino. É interessante notar que, ao cometer adultério, David é condenado a um destino menos risonho. Ao transgredir a lei divina, o registo de David como governante fora manchado. Sobre ele se havia dito: “julgava e fazia justiça a todo o seu povo” (II Samuel 8:15). A integridade, confiança e lealdade conquistadas pelo monarca poderiam ser diminuídas ou mesmo anuladas. Quebrantado pela consciência do seu pecado e dos seus resultados, David sentiu-se humilhado aos olhos dos seus súbditos. A sua influência fora enfraquecida, depois de um início tão próspero na sua actuação enquanto monarca de Israel.

A seriedade das consequências políticas provocadas pelo pecado de Lancelot merecem igualmente algumas considerações. Se atendermos à narrativa arturiana, verificamos que o pecado de Lancelot afecta grandemente o monarca de Logres. Na opinião de José Carlos Miranda, o adultério de Lancelot com a rainha é para Artur “um poderoso atentado à dignidade da sua condição”⁷². Este pecado consistia, no fundo, num acto de traição por parte do cavaleiro de Artur, que não atinge apenas o rei. José Carlos Miranda acrescenta, a propósito do envolvimento do cavaleiro com a rainha Genevra, “rainha sagrada e ungida”: “como a continuação cíclica também não deixa de apontar, está-se não apenas perante adultério, ou infracção de natureza privada, mas sim de crime público, cuja dimensão interessa ao conjunto da corte”⁷³. A falha de Lancelot pode ser portanto vista nas suas múltiplas facetas. Tal como já referimos, o erro de Lancelot pode ser encarado na perspectiva moral individual, tendo em conta que se trata de um pecado, uma transgressão de dimensão espiritual. Este acto pode ainda ser condenável do ponto de vista

⁷² MIRANDA, *Galaaz...*, p.168.

⁷³ *Ibidem*.

da ética cavaleiresca, como pode também consistir numa “ofensa aos actores sociais e institucionais”, enquanto ofensa ao matrimónio e à realeza de Artur⁷⁴.

Por último, podemos avaliar o resultado final da vida de Lancelot e do rei David, tendo em consideração o pecado que ambos cometeram. No âmbito da busca do Santo Graal, Lancelot é irremediavelmente excluído desta empresa. Galaaz substitui o pai, assumindo o papel de herói neste empreendimento. Lancelot é impossibilitado de contemplar o objecto sagrado, a sua visão total é-lhe vedada. A consequência do seu pecado não é portanto anulada, ainda que ele se arrependa e se confesse. Tal como sublinha José Carlos Miranda, “nem a confissão, nem a viagem em companhia de Galaaz alteraram um destino há muito traçado”⁷⁵. Tem, contudo, o privilégio de saber que o seu filho será o continuador do plano que ele mesmo falhara. Ora, não é este o mesmo destino do rei David? A ele fora-lhe dado consentimento de Deus para o empreendimento da construção do templo sagrado. Mas uma vez detectada a falha do rei, sobreveio a sentença divina. Contudo, a misericórdia de Deus não permitiu a ruína total de David, pois o rei mostrou-se profundamente arrependido. Teve também David o único privilégio de conhecer o seu sucessor e substituto, o seu filho Salomão. Note-se ainda que David não deixou, em parte, de colaborar com o seu filho, pois fora ele próprio que fornecera os projectos do templo⁷⁶.

Como vimos através do exposto, os anais de David apresentam um homem cheio de fé, valente na guerra, generoso e modesto. A estas virtudes juntam-se os seus pecados e defeitos, que David não escondeu mas de que se penitenciou. David é um rei forte em contrastes: grande no amor e no perdão, na guerra e na generosidade, na grandeza real e na queda. A realeza davídica é, de facto, emblemática, sendo a sua figura invocada ao longo da Alta Idade

⁷⁴ MIRANDA, *Galaaz...*, p.175.

⁷⁵ MIRANDA, *Galaaz...*, p.153.

⁷⁶ Cf. I Crónicas 28.

Média na investidura dos reis⁷⁷. Esta “personagem-referencial”⁷⁸ é mais uma prova evidente de que também a ideologia cavaleiresca se fundamenta nas Escrituras. As palavras de Ferdinand Lot vão precisamente ao encontro desta ideia: “A cavalaria é um ideal moral e religioso. Vai buscar as suas raízes nos inícios da história da Humanidade”⁷⁹. A cavalaria apoia-se portanto na existência deste antepassado régio, um protótipo da valentia guerreira. Segundo o referido autor, o público do *Lancelot en Prose* seria muito provavelmente um público cortês, o que explica o facto da figura do seu protagonista ser traçada de forma a servir de modelo aos cavaleiros do século XIII, sendo ele próprio um homólogo de David. O aproveitamento da figura davídica funciona, como podemos constatar, de duas formas: pela integração de Lancelot na linhagem de David e pelo processo de identificação com a personagem bíblica (processo semelhante ao funcionamento da tipologia).

Tal como verificámos, a narrativa do *Lancelot en Prose* está imbuída de figuras, intrigas e temáticas bíblicas que se adequam perfeitamente ao propósito ideológico do romance. O exemplo do rei David, tanto nos seus sucessos como nos seus fracassos, é sem dúvida um ponto de referência para o mundo cavaleiresco. Mais ainda se tivermos em conta o espírito mundano e cortês explícito no romance. As reminiscências bíblicas não servem apenas o propósito edificante e religioso na obra, mas concedem alguma consistência à própria intriga. Para além disso, o modelo bíblico torna-se um instrumento essencial para a legitimação e credibilidade do romance. A figura bíblica de David confere ao *Lancelot en Prose* (que implícita e explicitamente a convoca) uma autoridade muito particular, estabelecendo assim a ligação com o texto

⁷⁷ Cf. RICHÉ, Pierre, “La Bible et la vie politique dans le Haut Moyen Age”, in “*Le Moyen Age et la Bible*”, Paris, 1984, pp.385-399.

⁷⁸ Expressão utilizada por Bénédicte Milland-Bove, segundo uma terminologia moderna. Cf. MILLAND-BOVE, Bénédicte, “Figures bibliques et fabrique du personnage dans quelques récits de fiction des XII^e et XIII^e siècles” in *Façonner son personnage au Moyen Age*, Senefiance t.53, 2007, pp.243-254.

⁷⁹ LOT, Ferdinand, *Etude...*, p.101.

sagrado. Podemos, deste modo, concluir reiterando as palavras de Jacques Le Goff e utilizando-as no contexto do *Lancelot en Prose*: “A Bíblia é, senão a fonte de tudo, pelo menos o ponto de referência para tudo”⁸⁰.

⁸⁰ LE GOFF, Jacques, *O Maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*, Lisboa, Edições 70, 1983, p. 23.